

## **GESTAÇÃO**

- Alguma fumaça silenciosa e uma luz fria que atravessa a cortina nebulosa. Personagens entram e saem de cena mais à cargo da direção do que do próprio texto. A estória aqui contada exige o clima por ela sugerido, todo o resto não é prioridade. O humor dos personagens é complexo, cheio de nuances e entrelinhas. Os atores não devem interpretá-los de forma monocórdica, sobretudo a personagem A SENHORA. Os personagens refletem sobre suas colocações. A cena de nu corresponde a uma imagem metafórica e poética, deve ser realizada com total consentimento dos atores, de forma natural e harmônica e deve ser substituída por outra alternativa caso qualquer ator apresente o mínimo desconforto.
- Dois segundos de palco vazio antes de entrar a primeira personagem.

### **A SENHORA**

Foi a sua instituição que matou meu filho! Isso não será perdoado por mim, não será esquecido, é ultrajante sugerir a uma mãe que esqueça o assassinato do filho. Isso não é normal, isso não é um mundo justo. E não me olhe assim.

- Outros personagens se juntam à cena.

### **VERA**

Tome um pouco de água, querida.

### **A SENHORA**

Como se eu fosse uma espécie de louca? Como se eu fosse uma lunática esquizofrênica, como se eu não tivesse superado a morte do meu filho?

## **VERA**

Eu estou entendendo a senhora. (Para um terceiro) Cléber, busque um pouco de água.

## **A SENHORA**

Você superaria, senhora? Aqui é normal superar as mortes bebendo um copo de água. É natural dar o perdão, doar o perdão bebendo um copo de água. Eu não quero nada de vocês. Eu nem sei por que eu vim até aqui, eu não sei o que eu ganharia vindo até aqui, eu nunca vou até vocês. Porque a minha vontade é de matar, é de levantar cada um de vocês pelo pescoço, eu tenho vontade de afundar os meus dedos no buraco dos seus olhos e sair arrancando a pele começando pela metade da cabeça. Aí eu perderia a razão, aí eu seria, sim, uma lunática, uma esquizofrênica, uma mulher – finalmente – louca. Mas isso vocês não vão ter de mim.

- Enquanto fala mal percebe a aproximação serena de três homens com roupas violetas. Dois deles a seguram – muito calmamente – enquanto o terceiro, apenas quando a personagem termina completamente a sua fala, faz com que beba a água que trazem.

## **VERA**

O que aconteceu com seu filho não aconteceu aqui. E não aconteceu por nossa culpa e nem por sua culpa.

## **A SENHORA**

Evidente que não foi minha culpa.

## **VERA**

E o seu filho está bem. Eu sei onde está seu filho, quem disse à senhora que ele está morto? Seu filho está bem.

**A SENHORA**

Não faça isso minha senhora.

**VERA**

Sim, está bem. (Para um terceiro) Conte pra ela Cléber.

**A SENHORA**

Não faça isso, não faça isso.

- Cléber caminha uma longa distância com o passo decidido e o olhar entusiasmado em direção à A SENHORA. Ele sorri e estende a mão em cumprimento em um gesto expansivo e potente, como fosse o diretor de uma grande corporação. Sua roupa tem tons amarelos.

**CLÉBER**

Como vai a senhora? O seu filho está bem, seu filho está comigo.

**A SENHORA**

Não faça isso, pelo amor de Deus.

- Estamos em uma sala de reunião. Cadeiras são postas no palco em um formato que também lembra um julgamento. Cléber ocupa a posição do diretor da empresa ou do juiz. A SENHORA é a ré, ou aquela que pede emprego. As outras cadeiras são ocupadas pela audiência, pelo coro.

**A SENHORA**

Meu querido, o seu nome é Cléber, não é?

**CLÉBER**

Sim, senhora.

**A SENHORA**

Veja bem, Cléber, eu não pretendi vir aqui. Eu não quero interromper a reunião de vocês, eu penso que cada qual deve viver a sua vida da forma que julga sã. Mas eu sinto falta do meu filho. E eu quero o bem dele, veja que isso não é o tipo de vida que eu escolho para alguém que eu amo. Isso está errado. E o meu filho é um garoto de bom coração, de boa índole, com um futuro lindo pela frente. Você acha que é certo que uma mãe compareça no velório do próprio filho? Isto é escandaloso. Isto é um escândalo!

**CLÉBER**

Mas a senhora pensa que está falando com Deus? O que eu posso fazer pela senhora?

**A SENHORA** (se levantando)

É você que tem que me dizer, meu filho. Você não disse que o meu filho estava vivo e que estava com você? Você não me disse? Não faça isso, meu senhor...

- Rompem em cena dois jovens em estado selvagem de luta. Eles trocam socos e pontapés enquanto gritam.

**JOVEM 1**

Canalha! Canalha!

## **JOVEM 2**

Me devolva. Devolva!

- O julgamento se dissolve e é formado um semicírculo em torno do confronto. A SENHORA toma parte. JOVEM 1 tem o nariz sangrando.

## **A SENHORA**

O que é isso, meus filhos? O que aconteceu? Chega de briga. Chega!

- Os dois atendem o pedido e param, também porque A SENHORA se coloca entre eles. Cada um de um lado, parecem envergonhados.

## **JOVEM 2**

Ele roubou de mim.

## **JOVEM 1**

O ladrão é você!

## **JOVEM 2**

Você pegou a fruta enquanto ninguém estava vendo, de repente está você na esquina mordendo a fruta como se ninguém soubesse que tinha sido você.

**A SENHORA** (sorrindo, serena)

O que aconteceu, meu filho, você pegou a fruta dele? Que fruta?

## **JOVEM 1**

Não era dele. Nós nos juntamos num grupo de quatro, eu, ele e mais duas meninas e subimos em tantas árvores a tarde inteira.

## **JOVEM 2**

Mas nem todas tinham fruta.

### **JOVEM 1**

Sim, eu vou falar isso. Achamos fruta só em duas e nas outras subimos por diversão. Na primeira encontramos uvas e cada um comeu uma porção lá mesmo em cima do pé. E na segunda achamos três cajus e recolhemos. No fim da tarde era a hora que a gente ia comer os cajus e eu comi.

### **JOVEM 2**

Sim, mas não era seu. Enquanto fomos lavar as mãos você recolheu o seu.

### **A SENHORA**

Onde vocês estavam?

### **JOVEM 1**

Na pracinha.

### **JOVEM 2**

Na pracinha, perto da esquina que dá pra fazenda estreita.

### **JOVEM 1**

Ele ofereceu dois cajus para as meninas. E aí sobrou o meu e eu comi.

### **JOVEM 2**

E quem disse que era seu?

- JOVEM 2 SAI DE CENA.

### **A SENHORA**

Porque vocês não dividiram, meu filho? Vocês está passando fome?

**JOVEM 1**

Não.

**A SENHORA**

Porque você pegou o caju inteiro pra você, vocês não estavam brincando juntos?

**JOVEM 1**

Acontece que ele deu dois cajus para as duas meninas. Ele deu porque ele quis, porque justamente estávamos brincando juntos. Se o certo era dividir três entre quatro, e ele ofereceu um inteiro pra cada uma. Então eu achei que o outro inteiro era meu porque ele tinha aberto mão. Porque não é justo eu ficar só com uma metade se foi ele quem abriu mão pra ser cavaleiro. Eu não suporto esse idiota que quer ser cavaleiro com as meninas pra se fazer de educado enquanto briga com os meninos por causa de um caju.

**A SENHORA** (limpando o sangue no rosto do filho com água)

Oh, meu filho... Mas não precisa brigar.

- Uma música lenta vai ficando cada vez mais alta e o palco se transforma em um baile. Os dois dançam juntos.

**JOVEM 1**

E porque você me chama de filho, Sofia? Você não se lembra de quem eu sou?

**A SENHORA**

Você? Eu não sou louca.

**JOVEM 1**

Mas tem uma memória fraca.

**A SENHORA**

Não. Eu me lembro de tudo. Você tem essa mania de me subestimar, mas eu te dou um banho. E eu estava com muitas saudades de você.

**JOVEM 1**

Você vai achar o seu filho. Mas precisa esquecer disso um pouco. A gente perde muito tempo da vida procurando terceiros. Eu me desliguei disso. Que quero muito estar com você mais vezes porque gosto muito de você. Imagina só, sermos sozinhos juntos. Eu estou construindo uma casa nova pra mim.

**A SENHORA**

Verdade?

**JOVEM 1**

É uma casa linda, Sofia, eu quero muito que você conheça. E pedi que fizessem um quarto pra você, e o meu arquiteto fez. Ele é lindo, ele tem uma parede inteira de vidro que dá pra floresta e tem uma visão panorâmica para o pôr do sol. É muito bonito, você vai gostar demais.

**A SENHORA**

Eu estou emocionada.

**JOVEM 1**



E é um projeto muito interessante porque o amanhecer do sol é do lado oposto, de modo que a manhãzinha acorda muito sutil, os raios de sol parecem beijos. Todos os dias você vai acordar com beijinhos no rosto. Isso porque eu amo você.

## **A SENHORA**

Eu quero, eu vou pra lá.

## **JOVEM 1**

É um quarto pra você. Na verdade é o seu quarto.

- A música do baile vai ficando mais baixa nas caixas de som do teatro. Em contraponto, um radinho vai ganhando força no colo de uma nova personagem que adentra a cena empurrada numa cadeira de rodas. O radinho toca a mesma música do baile.

## **TATARAVÓ BENDITA**

Veio me ver! É festa!

## **A SENHORA**

Minha avó!

## **TATARAVÓ BENDITA**

É dia de festa hoje, é meu aniversário hoje?

## **ENFERMEIRA**

Essa é sua neta, Bendita.

## **TATARAVÓ BENDITA**

Isso se vê, isso eu sei.

**A SENHORA**

O que a senhora está fazendo aqui, minha avó?

**TATARAVÓ BENDITA**

Eu passeio aqui, minha filha. Esse é meu caminho aqui. Você tá boa?

**A SENHORA**

Uma saudade da senhora...

- Ela abraça a avó. Não tem clima de choro. Existe uma serena alegria.

**A SENHORA**

Eu vim te ver.

**TATARAVÓ BENDITA**

Eu vou te visitar também. Tem tempo que não vou na sua casa, filha. Você ainda está morando com o Gisberto?

**A SENHORA**

Gisberto? Não vó, o Gisberto é o marido da minha tia Lurdes. Inclusive ele faleceu há três anos, que Deus o tenha. Eu sou a Sofia.

**TATARAVÓ BENDITA**

Faleceu? Coitado. Eu não soube não, que Deus o tenha, Deus o tem. Eu sei quem você é, minha filha, eu não sou lerda não. Você não morou com eles quando era mocinha? Na idade de 15 anos você morou na casa deles.

**A SENHORA**

É verdade minha avó, é verdade.

**TATARAVÓ BENDITA**

E eu não te vejo desde então.

**A SENHORA**

A senhora tem razão. É verdade.

**TATARAVÓ BENDITA**

Pois por isso que não fui te visitar ainda. Se eu não tenho o seu endereço?

Você está bem?

**A SENHORA**

Eu estou bem vó. Mas com uma agonia no peito. Um peso estranho, eu estou muito angustiada.

- A SENHORA não segura o choro e deita a cabeça no colo da avó.

**TATARAVÓ BENDITA**

O que foi, minha filha? Fique assim não. O que você tem?

**A SENHORA**

Eu estou desprotegida, minha avó.

**TATARAVÓ**

Não está não. Eu estou aqui com você.

**A SENHORA**

Eu não sei onde eu estou. E eu tenho medo de estar vivendo uma coisa tão ruim, com esse sentimento tão avesso atravessado no peito, e de repente acordar e levar um tapa no rosto porque a realidade é pior, entende? Porque mal ou bem, pelo menos eu ainda tenho esperança.

### **TATARAVÓ BENDITA**

Eu sei, minha filha. Mas eu estou aqui com você. Não se canse não. (Com terceiros) Deitem ela aqui.

- Tataravó sai da cadeira e os enfermeiros colocam A SENHORA sentada. TATARAVÓ finalmente desliga o rádio. A SENHORA é despida pelos enfermeiros. CLÉBER lava o seu corpo com um algodão umedecido. Em determinado momento TATARAVÓ BENDITA continua o trabalho como se o ensinasse a forma correta de lavar a neta. A SENHORA abre os olhos. Quatro ou cinco enfermeiros, além de Cléber e sua avó estão ao seu redor. Alguns penteiam seus cabelos, outros massageiam seus pés, outros ainda à sustentam em pé enquanto a sua avó lhe banha. Ao redor destes, nas extremidades do palco, dez pessoas convivem nuas. Conversam, comem uvas, bebem suas taças e sorriem. Dançam.

### **A SENHORA**

O meu filho é um destes enfermeiros?

### **TATARAVÓ BENDITA**

Não, minha filha.

### **A SENHORA**

Porque eles vestem amarelo?

**CLÉBER**

Eu vou te apresentar o seu filho.

**A SENHORA**

Quando?

**TATARAVÓ BENDITA**

Ele não morreu, minha filha. Mas está perdido.

**A SENHORA**

Busca ele pra mim, minha avó.

**TATARAVÓ BENDITA**

Oh, minha filha.

- TATARAVÓ BENDITA olha para Cléber e sorri. Os dois brincam entre si e parecem discutir mentalmente.

**CLÉBER**

É muito clichê, mas é verdade.

**TATARAVÓ BENDITA**

É a mais pura verdade. O seu filho está dentro de você, minha filha. Onde mais estaria um filho? O filho está sempre dentro da mãe. Sempre dentro da mãe, minha filha. Não adianta procurar fora não.

**A SENHORA**

Como assim, minha avó? Me deixe voltar pra casa.

## **TATARAVÓ BENDITA**

Fique calma, minha filha. Fique em paz. Fique bem. Fique em pé. Seja mãe.

E seja feliz.